



# diabolô





# diabolô

nilton resende

2ª edição  
revista pelo autor

TRAJES  
L N A R E S





COPYRIGHT © 2011, 2020 BY NILTON RESENDE

EDITORES RESPONSÁVEIS

Luiz Farias

Nando Magalhães

Nilton Resende

CAPA

Nilton Resende e Ulysses Ribas

IMAGEM

Intervenção sobre Sem Título, de A. Etc., 2017, fumage, 23,5 x 23,5 cm.

Coleção de Nilton Resende.

DIAGRAMAÇÃO

Ulysses Ribas

REVISÃO

Bruno Ribeiro

### Catálogo na fonte

---

R79d Resende, Nilton.  
Diabolô/ Nilton Resende. – 2. ed. – Maceió : Trajes Lunares, 2020.  
112 p.

ISBN: 978-65-87894-00-3

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Literatura alagoana. I. Título.

---

CDU: 869.0(81)-34

---

Elaborada por Fernanda Lins de Lima - CRB4 1717

1ª REIMPRESSÃO

[2020]

2ª EDIÇÃO

TRAJES LUNARES

WWW.TRAJESEDITORA.COM.BR

TRAJESEDITORA@GMAIL.COM.BR

ALAGOAS/BRASIL





Para  
Brisa Paim,  
Hilda Hilst (*in memoriam*),  
Lygia Fagundes Telles,  
Milton Rosendo.

Para os Ganymedes.

Para minha família,  
onde sempre bebi afeto e literatura.





# Sumário

- 10** A CEIA
- 18** FLAMOR
- 24** A CANÇÃO E A SOMBRA
- 36** CASARAM-SE NUMA QUINTA-FEIRA
- 42** MANUAL DO COMO MANUSEAR
- 46** NÃO É TEMPO DE MAÇÃS
- 70** OFÍCIO
- 92** BALADA DA NOITE INSONE
- 102** A FRESTA





*O que é que um lobo entende da lua  
para a qual ele uiva com o pescoço estendido?*

**A caixa preta — Amós Oz**





# A CEIA





Mordo o biscoito que levei vagaroso à boca, e ele quebrando-se é como ossos que se esmagam. Trituro-o e imagino desfazer-se a rede desenhada em sua superfície, lembrando-me o jogo que meu avô me ensinou e para o qual me convidou em tantas tardes. Biscoito, rede, ossos triturados. Mordo e sinto mastigar o velho, as migalhas saindo pelos cantos como se uns dedos tentassem escapar.

Eu em cima da mesa me masturbava em frente à pintura da cigana. Deitada num divã, uma de suas mãos acariciava o bico de um dos seios, enquanto a outra se enfurnava sob o pano púrpura, eu imaginando-a mexendo nos pelos até se umedecer. Eu me extasiava. Gemia, quando ele chegou à sala e gritou comigo, mandando-me descer.

Retesei-me. E enquanto com uma das mãos segurava o pequeno endurecido, com a outra fiz um gesto de dança no ar, baixando-a lento.

Voltei-me para ele, numa continuação da dança, o olhar duro, a mão descendo até encontrar a outra. Bruscamente, puxei para trás as mãos que seguravam o pinto, exibindo-o duro e fremente.

Ele me pegou pelo braço, fazendo-me descer da mesa. Apertou-me, empurrando-me para baixo, e disse que contaria a meus pais quando eles voltassem do cinema, e que daquela vez eles iam saber a peste que tinham dentro de casa.

Se você falar, vai se arrepender, eu disse entredentes e afastei-me de suas mãos, levantando-me e pegando o calção sobre a mesa.

Dei as costas para ele e o enxerguei pelo espelho sobre a pia entre a porta do quintal e a cozinha. Suas mãos tremiam, fechadas, apertadas; seus olhos tinham uma expressão que ainda não







NILTON RESENDE

sei precisar se era de ódio ou dó.

Fiz um bico provocador, abotoando a boca, e lancei-lhe um beijo de deboche. Dando um grito zombeteiro, corri para o banheiro.

Permaneci lá dentro, em silêncio e na semiescuridão. Demoraram-se alguns minutos, quando ele veio à porta e falou, baixo: Hoje eu conto tudo.

Nesse momento, tive medo. Por instantes, fiquei confuso. Mas aos poucos, enquanto me vestia, o olhar procurando alguma solução na penumbra, eu amarrando o cordão do calção, sorri em meio à brilhante ideia: encostei a face na parede e esfreguei-a com força em um movimento vertical até me ferir. Quando a pele começou a arder, prenei os dentes e esfreguei o rosto com ainda mais força. Por fim, joguei a testa contra o vaso. Um frio me estremeceu quando minhas mãos sentiram o pequeno caroço se pronunciar sob a pele quente. Limpei a parede avermelhada de um pouco do sangue dos arranhões, saí do banheiro e passei cuidadoso pelo quarto do velho, para ver se ele dormia. Voltei à sala, apaguei a luz e fui para a minha cama. Não sem antes me olhar no espelho, orgulhoso. Orgulhava-me; e os olhos esboçaram um sorriso, apenas os olhos. Idêntico ao de quando joguei o rato na cama do velho, eu me contendo para não rir quando ele gritou, pedindo socorro porque alguma coisa o tinha mordido. Meu pai e minha mãe correram para ver o que havia acontecido, e precisaram abraçar o velho, quando o viram sentado na cama, os olhos esbugalhados olhando descrentes para a massa vermelha esmagada nas mãos. Eu me levantei do sofá, fui até a porta do quarto e falei, quase inocente: Vô... O que foi, vô? Mas ele não respondeu; sentado nu sobre a cama, meu pai tentando fazê-lo parar de





tremer, minha mãe cobrindo-o com um lençol, as pernas dele magras e negras, quase branco apenas o tufo de pelos que pude vislumbrar, um acinzentado emoldurando o sexo murcho.

No outro dia, à mesa do café, ele segurou minha mão — minha mãe e meu pai estavam na cozinha —, segurou minha mão, apertando, e perguntou incisivo: Foi você? Mãe!, eu gritei. Assim que ela apareceu, ele me soltou. Senti-me poderoso. O que foi?, ela perguntou, aproximando-se. Eu respondi, doce: Mãe, frita um ovo pra mim?

Ela virou-se. Eu, olhando nos olhos dele, quis sorrir.

Não sei o que se passou na cabeça dele nos outros dias, mas pareceu-me ter esquecido o rato. E também o escorregão que tinha levado uns dias antes porque eu havia passado cera na entrada do quarto, fazendo ele tombar e bater com a cabeça no chão. E o rapé. Que eu tinha misturado com um pouco de pimenta-do-reino moída.

Ele estava mais calmo. Ficávamos brincando à tarde. Ele desenhava as listras no papel, e colocávamos os caroços de feijão nos pontos até vermos quem conseguia trancafiar o outro. Mas na noite em que eu subi à mesa, percebi: ele estava decidido a falar.

Fui à cama. Deitei-me e esperei meus pais chegarem e irem dormir, mas quase não preguei o olho, a noite inteira na alternância de sonho e espera. Pela manhã, ouvi a discussão na cozinha. Ele não presta, escutei meu avô dizer. Respeite o meu filho, disse meu pai. Respeite o meu filho, ou você vai pra fora desta casa. Mas eu sou seu pai, o velho falou, a voz enrouquecida. E meu pai respondeu: Mas ele é meu filho. Nesse instante, minha mãe gritou que não era possível ser verdade aquilo, eu era apenas uma





criança!

Chamem ele!, meu avô disse. Chamem, disse novamente, baixando a voz. Perguntem na minha frente se o que eu disse é mentira. Perguntem! Não é possível que ele vá mentir.

Foi quando chorei. Dei um primeiro gemido bastante alto e depois baixei o som, tremendo o corpo sobre a cama, eu inteiro enrodilhado na coberta. Enrodilhado e soluçando, uns acessos de tosse ainda mais fortes quando meu pai chegou ao quarto. Entrou e retirou ríspido o travesseiro de sobre minha cabeça. Até hoje não esqueço sua cara de terror ao olhar para mim. Colocou-me nos braços, eu ainda chorando num exagero que aumentou ainda mais quando levei a mão ao rosto inchado, a face cheia de arranhões.

Ele me bateul, eu gritei. Ele me empurrou, pai, e esfregou a minha cara no chão.

Gritei ainda mais alto quando vi meu avô estarecido, precisando apoiar uma das mãos no fogão atrás dele. Ele me bateu, pai. Tá doendo, pai. Ai, ai, pai, dói, dói.

No meio da confusão, minha mãe puxou meu pai pelo braço, e me levaram para fazer uns curativos. Saíamos para o hospital, e pude ver meu avô olhando para mim, numa expressão embrutecida, movendo a cabeça para os lados. Parece que vi uma lágrima descer pelo seu rosto encovado.

Após aquela manhã, meus pais não falaram mais com meu avô, que quase não saía do quarto, a não ser para ir ao banheiro. Ou para cheirar seu rapé, sentado no quintal.

Durante a semana seguinte, algumas vezes meus pais conversaram sobre ele. Numa manhã, na cozinha, antes de irem ao trabalho, pararam a conversa, quando viram que eu escutava. Meu





pai olhou para minha mãe, sinalizando sobre minha presença. Ela virou-se para mim, alisou minha cabeça, enquanto saíam: Vai ficar tudo bem. Nesse mesmo dia, uma quinta-feira, convidei meu avô para jogarmos após o almoço.

Fui à lavanderia e peguei uma tábua sob ela. Lavei-a, escovei-a, enquanto via minha tia falar com meu avô, ele fumando sentado num pneu que ficava em nosso quintal. Minha tia, que agora sempre ficava em casa enquanto meus pais iam trabalhar, disse a ele: Tá vendo, pai...? O menino quer jogar. Tá vendo? Ele mexeu a cabeça.

Logo após almoçarmos, ele foi ao quarto, pegou um pedaço de papelão e levou-o à sala, com lápis e régua na outra mão. Sentou-se frente a mim e fixou na mesa o rosto assombrado. Levantou-o, olhando-me enquanto eu me sentava, acompanhando meus gestos, acompanhando meu olhar sobre o pote de feijões que eu depositava na mesa. Sobre ela, o tabuleiro que eu já havia riscado na madeira.

Olhei para ele, meneando a cabeça para que começasse a partida. Ele colocou no chão o papelão, o lápis e a régua. Tocou o tabuleiro, alisou-o com as pontas dos dedos, forçando-as nas inscrições. Parou um instante. Levou ao pote a mão em veias, retirou alguns feijões, colocou-os na outra mão e depositou um deles sobre a madeira entalhada do tabuleiro. Começamos o jogo de um tentar prender o outro.

Percebi que ele não se empenhava em ganhar. Mas não dei valor a isso; com alguns lances, pude tê-lo entre meus feijões, meus grãos cercando-o. Escutamos um barulho na porta. Ele se sobressaltou. Minha tia veio rápida falar conosco, estranhando: Vieram mais cedo? Buscou o espanador sobre a geladeira e





NILTON RESENDE

voltou. Levantei-me e fui me sentar na cadeira ao lado dele. Depositei um último grão com um gesto solene. E disse, baixinho: Ganhei.

Quando vi seu olhar inexpressivo, meus olhos quiseram chorar. Eu quase chorei. No entanto, contive-me. E tocando o último feijão que havia colocado, disse mais uma vez, agora me aproximando de seu ouvido: Ganhei.

Foi quando meus pais chegaram à sala com um representante do asilo. Então, outra vez articulei a palavra para ele, agora sem som, apenas movendo os lábios, afastando-me dele ao mesmo tempo em que eu abria os olhos para fazê-lo compreender melhor o que eu lhe dizia: Ganhei. E à frente de todos, lento e agora deixando os olhos se encharcarem, à frente de todos eu enlacei meu avô pelo pescoço, aproximei meu rosto lentamente e, fechando os olhos para que uma lágrima resvasse, com aparente profundo amor beijei-lhe a rendida face.

